conversas em
PSICOLOGIA
ISSN 2764-5053

*Recebido em:07/11/2025*
*Publicado em: 05/11/2026*
*DOI: https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v7n2.e004*

# EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA EM ACOLHIMENTO-DIA PARA IDOSOS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

**Maria Paula Silva Oliveira**[1] Orcid: http://orcid.org/0009-0009-7695-818X

**Denise Stefanoni Combinato**[2] Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5919-0289

**RESUMO.** Este artigo apresenta a experiência de estágio em Psicologia em uma instituição filantrópica de acolhimento-dia para idosos, com o objetivo de descrever as atividades desenvolvidas e analisar os efeitos de rodas de conversa com pessoas idosas no fortalecimento de vínculos, na escuta qualificada e na valorização das memórias. O envelhecimento é uma fase complexa do desenvolvimento humano, que envolve dimensões afetivas, cognitivas e sociais, adquirindo sentidos pessoais e significados culturais em cada contexto histórico-social. Sob a perspectiva da Psicologia histórico-cultural, funções psíquicas superiores, como a memória, são mediadas social e culturalmente, permitindo aos idosos reorganizar experiências, refletir sobre suas histórias de vida e fortalecer a identidade. O estágio envolveu atendimento psicoterapêutico, atividades de estimulação cognitiva e coordenação de processo grupal com dispositivos artísticos musicais e literários. No grupo, houve o compartilhamento de narrativas pessoais e o fortalecimento de vínculos comunitários, demonstrando o papel transformador das intervenções psicossociais grupais. O estudo evidencia que estágios supervisionados constituem espaço privilegiado para articular teoria e prática, desenvolver competências profissionais e promover uma compreensão mais sensível e crítica sobre o envelhecimento.

**Palavras-chave**: Estágio em Psicologia; Envelhecimento; Psicologia histórico-cultural.

[1] Mestranda em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia. mariapaulaso@ufu.br
[2] Doutora em Saúde Coletiva. Universidade Federal de Uberlândia. denise.combinato@ufu.br

conversas em
PSICOLOGIA
ISSN 2764-5053

# PSYCHOLOGY INTERNSHIP EXPERIENCE IN A DAY CARE CENTER FOR OLDER ADULTS: CONTRIBUTIONS FROM HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

**ABSTRACT.** This article presents the experience of a Psychology internship at a philanthropic day care center for older adults, aiming to describe the activities carried out and analyze the effects of group conversations with older adults on strengthening bonds, on qualified listening and on appreciation of memories. Aging is a complex phase of human development encompassing affective, cognitive, and social dimensions, which acquire personal senses and cultural meanings in each historical-social context. From a Historical-Cultural Psychology perspective, higher psychological functions, such as memory, are socially and culturally mediated, allowing older adults to reorganize experiences, reflect on life stories, and strengthen identity. The internship involved psychotherapeutic support, cognitive stimulation activities, and coordination of group process with music and literature artistic devices. In the group, there was the sharing of personal narratives and the reinforcement of community bonds, illustrating the transformative potential of group psychosocial interventions. The study highlights that supervised internships provide a privileged space to integrate theory and practice, develop professional skills and contribute to a more sensitive and critical understanding of aging.
**Keywords:** Psychology Internship; Aging; Historical-Cultural Psychology.

## Introdução

O envelhecimento é uma fase complexa do desenvolvimento humano, que engloba diversas dimensões, como afetiva, cognitiva e social. Embora presentes ao longo de toda a vida, essas dimensões adquirem contornos particulares nessa fase. No campo afetivo, por exemplo, fica evidente a importância de boa satisfação global com a vida e qualidade das experiências emocionais, sendo as relações interpessoais e o engajamento em atividades significativas relevantes para um envelhecer mais saudável e prazeroso (Freitas et al., 2006).

No aspecto cognitivo, destaca-se a capacidade contínua de aprender e armazenar informações, uma habilidade que persiste ao longo da vida, mas que na velhice se expressa de forma singular. Durante essa fase, o acúmulo de uma vasta bagagem de memórias e vivências transforma-se em valiosos testemunhos históricos e afetivos quando compartilhadas. Esse contínuo exercício da memória permite à pessoa idosa refletir sobre seu passado, revisar posturas, reelaborar sentidos e, até mesmo, reparar erros (Whitaker, 2010).

O processo de evocação da memória na velhice possui importante função social, ao permitir que a história de vida da pessoa na velhice seja compartilhada, escutada e integrada à memória coletiva, gerando pertencimento e reconhecimento. Além disso, a narração de histórias por pessoas idosas possibilita a filtragem dos significados profundos contidos em sua vida inteira (Bosi, 2016). Nesse contexto, a valorização da narrativa pessoal é fundamental como ferramenta de fortalecimento da identidade, promoção da autonomia e reconstrução de vínculos sociais (Valença e Reis, 2015).

Para mais, ao considerar o processo de envelhecimento, a noção de identidade como movimento e superação adquire um sentido ainda mais relevante, pois está relacionada à transformação do sujeito como ser histórico e social. A identidade, compreendida como metamorfose, evidencia que o sujeito não se reduz àquilo que foi ou é (Ciampa, 2002), mas permanece em constante transformação, mesmo diante das perdas cognitivas e físicas que podem acompanhar a velhice.

Sob a perspectiva da Psicologia histórico-cultural, que tem como um de seus principais representantes Lev Vygotsky, as funções psíquicas superiores, como a memória, são compreendidas como construções histórico-sociais que emergem das interações sociais mediadas por instrumentos culturais ~~e~~ como a linguagem (Oliveira, 2007). Nesse contexto, a memória é vista não como um simples repositório de informações, mas como uma função ativa, mediada e socialmente construída, que possibilita ao sujeito reorganizar o vivido, atribuir sentido às vivências e orientar suas ações no presente (Rego, 1995). Assim, compreender a memória como uma função psíquica superior implica reconhecê-la como parte ativa na constituição do pensamento e da linguagem, possibilitando ao sujeito atuar de forma reflexiva e transformadora em seu meio social (Smolka, 2000).

Segundo essa mesma linha teórica, as práticas sociais e culturais têm um papel importante no desenvolvimento humano, sendo as interações sociais essenciais para o aprendizado e a formação das subjetividades. Dessa forma, ao aliar essa teoria à psicologia comunitária, pode-se criar um espaço de transformação social, com mudanças sociais e culturais significativas. Nessa lógica, a velhice é ressignificada: ao contrário da visão excludente ainda presente em sociedades industrializadas, essa fase da vida passa a

ser compreendida como um momento de contribuição ativa à comunidade (Pinheiro et al., 2012).

Nesse cenário, a escuta atenta e a valorização das histórias de vida contribuem não apenas para o bem-estar dos idosos, mas também para a formação de uma cultura mais sensível ao envelhecimento. Essa perspectiva é reforçada pelo artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), que prevê a inserção de conteúdos sobre envelhecimento nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, visando eliminar preconceitos e ampliar conhecimentos sobre o tema.

Uma forma de promover essa integração entre o cuidado da pessoa idosa e mudança cultural a respeito da velhice é por meio de disciplinas e estágios curriculares supervisionados no ensino superior, tendo em vista a apropriação e a socialização de saberes e atitudes para, conforme orientam as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Psicologia, garantir "a promoção da cidadania, da saúde, da dignidade humana e da qualidade de vida de indivíduos, grupos, organizações e comunidades" (Brasil, 2023).

Assim, a partir de uma experiência de estágio profissionalizante em Psicologia, realizada em uma instituição filantrópica de Acolhimento Dia, este artigo tem o objetivo de descrever as atividades desenvolvidas e analisar os efeitos de rodas de conversa com pessoas idosas no fortalecimento de vínculos, na escuta qualificada e na valorização das memórias, assim como na formação do/a estudante de Psicologia.

## Método

Intervenções psicossociais podem ser realizadas com grupos de idosos em diversos contextos, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida. Diferentes técnicas podem ser utilizadas nessas intervenções, como grupos de apoio, atividades lúdicas, dinâmicas de socialização e estimulação cognitiva, a fim de promover espaços para expressão emocional, estimulação cognitiva, fortalecimento de vínculos sociais, autonomia e autoestima, além de favorecer a sensação de pertencimento dos idosos (Rabelo e Neri, 2013).

O diálogo da Psicologia com a Arte em intervenções psicossociais grupais tem se mostrado potente para promover expressão, ressignificação de experiências e

fortalecimento de vínculos sociais. Através de linguagens como música, literatura, pintura e teatro, os participantes encontram meios simbólicos para compartilhar narrativas pessoais, elaborar emoções e construir espaços coletivos de pertencimento. Esse processo, além de favorecer a comunicação e a criatividade, potencializa a autoestima, a autonomia e a integração comunitária, configurando-se como ferramenta terapêutica e de inclusão social. Estudos apontam que as práticas artísticas em grupos ampliam o repertório de enfrentamento dos sujeitos e contribuem para a promoção da saúde mental e da cidadania (Goodman-Casanova et al., 2024).

Para a Psicologia histórico-cultural, o desenvolvimento humano se realiza por meio da atividade, da mediação de instrumentos e práticas sociais, integrando e transformando o indivíduo no seu contexto histórico-cultural (Reis e Facci, 2015). Técnicas específicas para grupo advindas da teoria histórico-cultural, como "círculo de cultura", "roda de quarteirão", "roda de história de vida" e "dramatizações", são ferramentas eficazes para promover a participação ativa e a troca de experiências. Essas práticas devem ser adaptadas aos contextos e características dos sujeitos, visando fortalecer as comunidades e desenvolver uma consciência crítica nas mesmas (Pinheiro et al., 2012).

A participação ativa nos grupos favorece a troca de experiências e a construção de novas relações, essencial para combater a solidão e o isolamento social, frequentemente vivenciados na velhice. Além disso, a abordagem deve ser adaptada às particularidades de cada grupo, de acordo com seu contexto cultural e histórico, respeitando suas vivências e necessidades específicas. Assim, as intervenções psicossociais são fundamentais para promover um envelhecimento saudável, tanto no aspecto físico, quanto no psicológico e social (Rabelo e Neri, 2013).

Um grupo terapêutico é um espaço no qual são trabalhadas questões individuais (íntimas/subjetivas) e sociais/políticas, pois o sujeito se constitui, se aliena e sofre no contexto, além de se constituir reflexivo, ativo, criativo. O coordenador do grupo possui o papel de escutar e mediar o diálogo, a partir de uma visão crítica do contexto social. Ainda, o coordenador precisa: compreender o que fundamenta essa prática grupal e quais são seus objetivos; pensar no setting terapêutico; definir instrumentos dialógicos; iniciar e encerrar o processo. É fundamental avaliar a prática realizada ao final de cada encontro,

considerando o instrumento escolhido e todas as interferências a serem amenizadas, para que se possa replanejar nesse processo contínuo que constitui a prática grupal (Pereira e Sawaia, 2020).

A intervenção realizada a partir do estágio profissionalizante em Psicologia vinculado a um curso de graduação de uma instituição pública de ensino superior ocorreu em uma instituição filantrópica de acolhimento-dia para idosos, que oferece cuidados no turno da tarde, atividades físicas e culturais, suporte psicossocial com o objetivo de promover qualidade de vida, autonomia e socialização. O serviço conta com equipe multiprofissional composta por assistente social, psicóloga, fisioterapeuta, massoterapeuta, musicoterapeuta e cuidadoras.

Dentre as atividades ofertadas na instituição, consta-se: hidroginástica, fisioterapia, acompanhamento psicológico, arteterapia, oficinas de artesanato, massoterapia, além de lanche da tarde. Em relação à população atendida, são 41 pessoas idosas cadastradas, sendo 34 mulheres e 7 homens, todas na faixa etária 60+, sendo a média de 75 anos. A maioria dos idosos não é alfabetizada, possuem baixa renda e tem limitações físicas (principalmente problemas de locomoção não severos), depressão e estágios iniciais de Alzheimer e outras demências.

Das atividades realizadas como parte do estágio em Psicologia, destaca-se o atendimento psicoterapêutico individual, a aplicação e o acompanhamento de atividades de estimulação cognitiva e o auxílio na coordenação de oficinas de artesanato, todas atividades que já existiam na instituição. As rodas de conversa, objeto do presente estudo, estavam suspensas e foram retomadas pela estagiária – autora deste trabalho, com a inserção do dispositivo artístico na mediação do processo grupal. As rodas de conversa, com cerca de 14 participantes em cada, tiveram um dispositivo artístico literário ou musical, assim como uma subsequente pergunta disparadora, adequados ao objetivo proposto. As rodas versaram sobre as temáticas de envelhecimento, passagem do tempo, memória e identidade/superação. Serão analisadas, para os fins deste trabalho, as rodas sobre memória e identidade/superação.

**Resultados e Discussão**

Para esse estudo, serão descritas e analisadas duas rodas de conversa com o mesmo grupo de idosos, tendo como eixo temático a memória. Cada encontro foi planejado a partir de um recurso artístico disparador, acompanhado de uma questão norteadora, a fim de favorecer o compartilhamento de vivências, a escuta qualificada, a reflexão e a elaboração psíquica. Estiveram presentes, além dos idosos, a estagiária responsável pela coordenação, duas cuidadoras e uma massoterapeuta (funcionárias da instituição); na primeira roda, a supervisora (psicóloga da instituição) também atuou como co-coordenadora.

No primeiro encontro, com 13 participantes, foi feita a leitura de um trecho da crônica "O Que a Memória Ama, Fica Eterno", de Adélia Prado (2006). O texto foi selecionado por valorizar a memória afetiva, aspecto central no envelhecimento, a fim de estimular os idosos a compartilhar lembranças e fortalecer vínculos. A pergunta norteadora formulada a seguir foi: "A partir dessa leitura e de tudo que vocês já viveram, vocês percebem como as suas memórias afetam o seu dia a dia?"

Na segunda roda, com 15 participantes, utilizou-se a canção Tocando em Frente, de Almir Sater e Renato Teixeira (1990), escolhida por abordar de forma poética a sabedoria adquirida ao longo da vida. A questão disparadora apresentada foi: "A música fala sobre a importância de 'tocar em frente', mesmo nos momentos difíceis da vida. O que ajudou e ainda ajuda vocês a 'tocar em frente' nesses momentos?"

A análise das duas rodas evidenciou que os recursos artísticos atuaram como mediadores simbólicos, favorecendo a evocação de memórias e confirmando a centralidade da interação social e da linguagem no desenvolvimento humano, conforme preconiza a Psicologia histórico-cultural.

No primeiro encontro, a leitura da crônica desencadeou memórias profundas e diversificadas, permitindo que cada participante reconhecesse seu "potinho de memória" como metáfora de um reservatório de experiências, conquistas e dores. A conversa foi marcada por trocas significativas, desde recordações traumáticas da infância até reflexões sobre educação e mudanças intergeracionais. O ambiente permitiu inclusive divergências de opinião, que foram mediadas com escuta e respeito, enriquecendo ainda mais o processo coletivo de reflexão.

A metáfora do "potinho de memória", introduzida pela estagiária-coordenadora do processo grupal, teve função didática ao explicar o funcionamento da memória como acúmulo de experiências. Essa imagem facilitou a externalização de lembranças, inclusive dolorosas. Dona S.[2], por exemplo, após confessar ter entendido o texto apenas depois dessa explicação, afirmou: "a vida é um acúmulo de memórias, algumas boas e outras ruins". Essa fala ilustra a percepção da memória como processo ambivalente, marcado tanto por lembranças positivas quanto dolorosas. Já Dona I. complementou: "a vida seria melhor se a gente conseguisse eliminar as ruins e ficar só com as boas", revelando o desejo de selecionar as experiências e de manter apenas aquelas que favorecem o bem-estar.

Nesse momento, a supervisora pediu aos participantes do grupo que contassem uma coisa que gostariam de excluir de seus "potinhos". Dona P. comentou com voz embargada: "eu tiraria as lembranças do meu pai agredindo minha mãe, eu era criança e só podia assistir e não fazer nada". Esse relato evidencia, além de um antigo sistema de violência em uma sociedade patriarcal e machista, como o grupo possibilitou a emergência de memórias dolorosas, abrindo espaço para elaboração simbólica. Outras reflexões surgiram, como quando Dona S. lamentou antigas palmadas dadas aos filhos: "hoje vejo que não precisava ter batido neles". A isso, Dona D. rebateu: "sem bater não se cria educação, hoje em dia tem tanto marginal porque as mães não têm coragem de bater". A divergência gerou um debate intergeracional sobre educação e disciplina, com diferentes posicionamentos.

Nesse contexto, Dona N. acrescentou: "minha filha trabalha no celular em casa, mas está sempre atenta aos filhos. Explica, respeita e é obedecida sem apanhar". Esse contraste de perspectivas reforça o potencial das rodas de conversa como espaço de criação de saberes e de reflexão crítica, no qual a linguagem se torna mediadora do pensamento e da autorregulação emocional, conforme aponta a Psicologia histórico-cultural (Oliveira, 2007; Smolka, 2000). A divergência de opiniões não foi encarada como obstáculo, mas como oportunidade de escuta e expansão de repertório, fortalecendo vínculos e a sensação de pertencimento ao grupo.

[2] Os/as participantes serão identificados pelas iniciais dos nomes, a fim de preservar o sigilo.

No segundo encontro, a canção “Tocando em Frente” exerceu papel semelhante ao texto literário, mas com ênfase na superação de uma identidade pressuposta, percebida a partir da evocação de memórias antigas. A música potencializou o debate de forma evocativa e afetiva, resgatando lembranças da infância, da luta pela sobrevivência e da construção de valores. Assim que a música terminou, a cuidadora C. observou: “comparado ao que vivemos na infância, nossa vida hoje é muito rica em tudo”. Duas idosas ecoaram esse sentimento, reforçando que a união familiar e os pequenos prazeres foram maiores que a escassez material. Dona N. acrescentou: “sou uma mulher forte hoje porque cresci entre a seca, a fome e o trabalho desde criança”, expressão que traduz a resiliência construída a partir da escassez.

Entretanto, nem todas as memórias foram facilmente revisitadas. Dona A. recusou-se a falar sobre a infância, afirmando: “foi horrível, não quero lembrar”. Esse momento revela a complexidade da memória, que pode funcionar como fonte de dor e resistência. Enquanto a cuidadora H. insistia em estimular lembranças positivas, Dona P. interveio para retomar o foco da roda: “Gente, presta atenção aqui, a gente tá desviando do assunto, não tá falando mais da música, era pra tá falando de ‘é preciso chuva para florir”. Essa fala demonstra o protagonismo dos idosos na atividade, assumindo papel de mediadores do diálogo e evidenciando o modo de funcionamento do processo grupal (Rabelo e Neri, 2013).

A roda passa a girar em torno dessa estrofe, ressignificando-o como metáfora da superação. Dona I. observou: “depois que passamos pelos momentos difíceis, a gente se fortalece e consegue ver os pontos positivos do que aconteceu”. Já Dona P. concluiu: “agora entendi: depois da chuva a gente vê que está florindo”. Nesse momento, outras participantes compartilharam estratégias criativas de enfrentamento da pobreza na infância, relatando com humor como improvisavam alimentos para driblar a fome. Esse processo evidenciou que, mesmo em contextos de privação, havia espaço para união, criatividade e aprendizado coletivo. Ao final, o grupo cantou a música, consolidando a roda como experiência comunitária de fortalecimento emocional, reafirmando o poder simbólico da música na construção de sentidos.

Embora se perceba o enfrentamento das condições adversas e a união a partir das lembranças de contextos de privação, é necessário problematizar esse aspecto. A pobreza,

a fome e a escassez de recursos não devem ser compreendidas como condições formadoras positivas em si mesmas, mas como cenários de vulnerabilidade e violação de direitos sociais que marcaram profundamente as trajetórias dos/das participantes. A força e a solidariedade construídas nesse contexto emergiram não da privação em si, mas da capacidade criativa e coletiva de enfrentá-la. Assim, é fundamental compreender que, apesar de a memória da escassez ter gerado coesão grupal, o envelhecer com dignidade exige políticas públicas que assegurem condições materiais de vida e acesso a direitos.

Esses encontros confirmam que, sob a lente da Psicologia histórico-cultural, a memória e a identidade como superação não se constroem isoladamente, mas emergem da teia de interações sociais, mediada por artefatos simbólicos. Cada narrativa adicionada ao "potinho" coletivo amplifica o repertório cultural do grupo, fortalece vínculos e reafirma que envelhecer é continuar a florescer, mesmo após as chuvas mais intensas.

Conforme preconizado por Pereira e Sawaia (2020), de que rodas de conversa se configuram como formato privilegiado de intervenção ao integrar espaços de fala ativa e escuta atenta, preservando a pluralidade de opiniões, as atividades aqui descritas e analisadas demonstraram a potência da intervenção grupal no formato de roda de conversa. A escuta atenta às confissões de cada pessoa e o respeito às divergências de opinião fortaleceram o senso de pertencimento, o que também é aludido pelas autoras. Os idosos não buscaram apenas afirmar suas teses, mas descobriram repertórios alternativos ao entrarem em contato com argumentos contrapostos. Esse embate saudável de ideias funciona como motor de desenvolvimento, gerando reflexões mais elaboradas e novas formas de perceber a própria história.

Outro ponto relevante foi o protagonismo dos idosos no processo grupal. Em ambos os encontros, eles interferiram ativamente na condução do diálogo, inclusive mediando conflitos, demonstrando apropriação do espaço como local de fala legítimo. Também é importante destacar que os encontros favoreceram tanto a estimulação cognitiva e a ampliação do vocabulário emocional, quanto a valorização das trajetórias pessoais. Os participantes se sentiram escutados, reconhecidos e respeitados, o que tende a gerar impacto positivo na autoestima e na percepção de identidade. Os encontros evidenciam o potencial terapêutico e reflexivo das atividades em grupo, além de como as

memórias se entrelaçam para construir sentidos e fortalecer vínculos entre os participantes.

Em conformidade com Bosi (2016), as rodas tornam-se verdadeiros sítios de memória coletiva em que o desenvolvimento afetivo e cognitivo ganham alcance social. Ainda de acordo com a autora, essas rememorações individuais, entrelaçadas em comunidade, constroem sentidos compartilhados, reafirmando o poder terapêutico e reflexivo do grupo.

É relevante discorrer sobre como o coordenador do processo grupal assume o papel de facilitador crítico, sendo co-responsável, junto com os participantes, no modelo de roda de conversa em contextos comunitários (Pereira e Sawaia, 2020). A estagiária-coordenadora das rodas atuou como agente articulador de todo o processo, desde o planejamento até o encerramento e a avaliação do processo, garantindo que cada etapa favorecesse a escuta, a expressão e a reflexão coletiva. Antes mesmo de cada encontro, definiu-se o setting: o local foi organizado em círculo, de modo a reforçar a horizontalidade do diálogo; o material simbólico (texto literário ou música) foi selecionado considerando sua pertinência ao tema da memória; e foram traçados objetivos claros para nortear as perguntas disparadoras. A partir disso, emergiu um processo terapêutico grupal vivo, no qual a história de cada idoso foi acolhida, confrontada e ressignificada em comunidade.

Outro ponto a ser destacado se refere à experiência de estágio em Psicologia na instituição de acolhimento-dia. O estágio permitiu vivenciar, através da integração teoria e prática, o impacto das rodas de conversa como dispositivo de promoção de saúde mental, ressignificação da memória e fortalecimento de vínculos sociais. Entretanto, alguns limites e desafios merecem destaque. Um primeiro limite refere-se ao curto período do estágio (um semestre letivo) e ao tempo de duração dos encontros (uma hora cada roda de conversa). As rodas de conversa ocorreram em um período relativamente curto, restrito ao tempo do estágio. Essa limitação temporal reduziu as possibilidades de acompanhamento longitudinal dos efeitos produzidos nas narrativas e nos vínculos estabelecidos, restringindo também a avaliação da permanência dos benefícios percebidos. A curta duração de cada roda, em função das várias outras atividades desenvolvidas na instituição, também restringiu as possibilidades de intervenção.

Outro aspecto a ser considerado é a dinâmica da equipe multiprofissional. A instituição conta com profissionais de diferentes áreas (psicologia, assistência social, fisioterapia, musicoterapia, massoterapia, entre outras), o que constitui uma potência por possibilitar um olhar integral sobre o idoso e a articulação de práticas diversas. Contudo, a atuação simultânea de vários profissionais também exige maior coordenação e clareza de papéis, de modo a evitar sobreposição de funções ou dispersão de objetivos nas atividades realizadas.

A mediação de conflitos na roda de conversa configurou-se como outro desafio. A diversidade de experiências de vida trouxe, em alguns momentos, divergências significativas, como no debate sobre práticas educativas. Mediar tais situações exigiu escuta ativa, manejo emocional e respeito às diferenças, sem impedir a expressão dos diferentes pontos de vista. Esse desafio, embora complexo, evidenciou a potência da roda como espaço de aprendizagem crítica, em que o conflito pode se tornar recurso de elaboração coletiva quando adequadamente conduzido.

Em síntese, a experiência de estágio revelou tanto limites, como a curta duração da intervenção e de cada encontro, e os desafios de mediação e integração da equipe, quanto potências, como a valorização das narrativas, o protagonismo dos idosos e a possibilidade de articulação entre diferentes áreas profissionais.

## Considerações finais

Em síntese, as rodas de conversa analisadas demonstram como as experiências de vida, mediadas pela arte, pela linguagem e pelos símbolos culturais, se entrelaçam para promover desenvolvimento e bem-estar. À luz da Psicologia histórico-cultural, a cognição emerge não só de fatores intrapsíquicos, mas também de um processo dialógico que incorpora a história, a cultura e as interações sociais como elementos formadores do psiquismo. Os participantes, ao compartilharem memórias e construírem coletivamente novos sentidos, reforçam a noção de que envelhecer não é apenas acumular anos, mas continuar a criar, refletir e transformar-se em comunidade.

As rodas de conversa mostraram-se espaços potentes de promoção de saúde por meio da mediação cultural e social. Ficou evidente que conflitos e divergências, quando bem regulados, são oportunidades de avanço no entendimento de si e do outro. Os

participantes não apenas compartilharam suas histórias, mas também intervieram ativamente no processo grupal, retomando focos de discussão, mediando tensões e atribuindo novos sentidos aos disparadores artísticos. As rodas de conversa mostraram-se como importantes instrumentos de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

O estágio em Psicologia em serviço de acolhimento-dia mostrou-se fundamental para a formação profissional e para a produção de práticas sociais significativas, que valorizam a memória e a identidade da pessoa idosa. A experiência de estágio, contudo, apresentou limites e desafios. A curta duração das rodas e do próprio estágio restringiu a possibilidade de acompanhar os efeitos das rodas a longo prazo. A mediação de conflitos, por sua vez, exigiu manejo constante para garantir a escuta de diferentes pontos de vista, revelando tanto a complexidade quanto a potência do dispositivo. A atuação da equipe multiprofissional também se mostrou ambivalente: ao mesmo tempo em que possibilitou um olhar integral e interdisciplinar sobre os idosos, demandou coordenação cuidadosa para evitar dispersão de objetivos. Ainda assim, a prática revelou-se significativa ao favorecer a valorização das narrativas, o protagonismo dos idosos e a integração de diferentes saberes na promoção de saúde.

Esses resultados reforçam a importância de adotar uma postura reflexiva e colaborativa nas intervenções, reconhecendo o papel ativo dos sujeitos na construção de seus processos de envelhecimento. Assim como previsto pelo Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), práticas desse tipo são relevantes em políticas públicas e serviços de acolhimento-dia. Para trabalhos futuros, sugere-se aprofundar o estudo longitudinal dos efeitos dessas práticas, bem como investigar como diferentes configurações de mediação (por exemplo, grupos intergeracionais) podem potencializar ainda mais os resultados, assim como ampliar a compreensão do papel da memória como recurso de resiliência e pertencimento.

## Referências

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto da Pessoa Idosa.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Resolução CNE/CES Nº 1, de 11 de Outubro de 2023. Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Psicologia**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=252621-rces001-23&category_slug=outubro-2023-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 31 out. 2025.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). **Psicologia social:** o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 63–84.

FREITAS, E. V.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. Dimensões do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. (org). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 74–88.

GOODMAN-CASANOVA, J. M.; GUZMAN-PARRA, J., MAYORAL-CLERIES, F., CUESTA-LOZANO, D.. Community-based Art groups in mental health recovery: A systematic review and narrative synthesis. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 31, n. 2, p. 158-173, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1111/jpm.12970. Acesso em: 18 abr. 2025.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. 21. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

PEREIRA, E. R.; SAWAIA, B. B. **Práticas grupais:** espaço de diálogo e potência. São Carlos: Pedro & João, 2020.

PINHEIRO, F. P. H. A.; BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. D. F. R. Psicologia comunitária e técnicas para o trabalho com grupos: contribuições a partir da teoria histórico-cultural. **Psico**, v. 43, n. 2, 2012.

PRADO, A. **O que a memória ama, fica eterno.** In: ___. Bagagem. São Paulo: Civilização Brasileira/Record, 2006. p. 101–102.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista Kairós-Gerontologia,** v. 16, n. 4, p. 43–63, 2013.

REGO, T. C. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REIS, C. W.; FACCI, M. G. D. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, n. 6, p. 99–116, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237. Acesso em: 18 abr. 2025.

SATER, A.; TEIXEIRA, R. **Tocando em frente [canção].** In: SATER, A. Almir Sater. Rio de Janeiro: Som Livre, 1990.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 166-193, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008. Acesso em: 18 abr. 2025.

VALENÇA, T. D. C.; REIS, L. A. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 265–281, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i2p265-281. Acesso em: 18 abr. 2025.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. **Cadernos CEDES,** v. 30, n. 81, p. 179–188, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0101-32622010000200004. Acesso em: 18 abr. 2025.